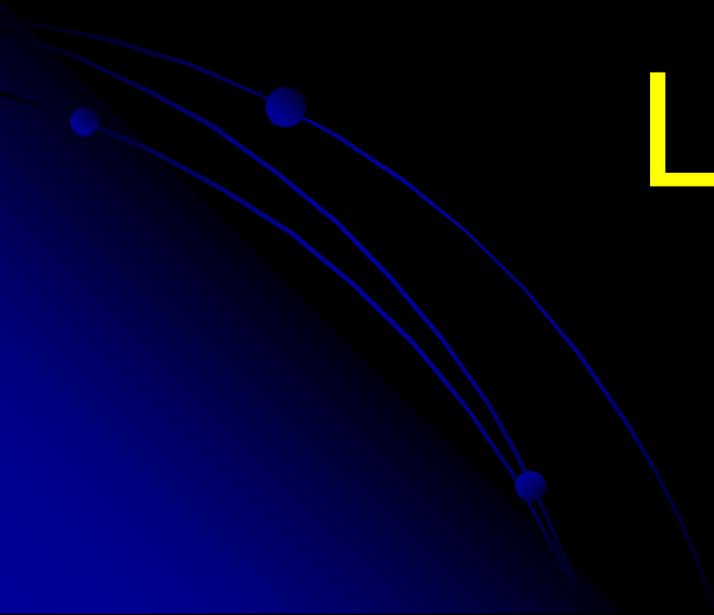


FORMAS POÉTICAS LÍRICAS





**ALGUMAS
FORMAS
FIXAS**

O rondó português

uma quadra, que se repete
ao fim de oitavas ou duas quadras

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XVI

GLAURA

POEMAS ERÓTICOS

de

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Préface de

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO



IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1941

O Beija-Flor - Rondó VII

**Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.**

Neste bosque alegre e rindo
Sou amante afortunado;
E desejo ser mudado
No mais lindo Beija-flor.

Todo o corpo num instante
Se atenua, exala e perde:
É já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova cor.

**Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.**

Vejo as penas e a figura,
Provo as asas, dando giros;
Acompanham-me os suspiros,
E a ternura do Pastor.

E num vôo feliz ave
Chego intrépido até onde
Riso e pérolas esconde
O suave e puro Amor.

**Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.**

Rondó dos Cavalinhos

Manuel Bandeira

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Tua beleza, Esmeralda,
Acabou me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O sol tão claro lá fora
E em minh'alma — anoitecendo!

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Alfonso Reys partindo,
E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
A Itália falando grosso,
A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minhalma — anoitecendo!

A *TERZA-RIMA* OU TERCETOS

número variado de tercetos, tendo ao final um verso isolado, que forma um como “fecho de ouro”.

Ex.:

TERCETOS de Olavo Bilac



Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho..
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

II

E, já manhã, quando ela me pedia
Que de seu claro corpo me afastasse,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Não pode ser! não vêes que o dia nasce?
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...
Que diria de ti quem me encontrasse?"

Ah! nem me digas que isso pouco importa!...
Que pensariam, vendo-me, apressado,
Tão cedo assim, saindo a tua porta,

Vendo-me exausto, pálido, cansado,
E todo pelo aroma de teu beijo
Escandalosamente perfumado?

O amor, querida, não exclui o pejo.
Espera! até que o sol desapareça,
Beija-me a boca! mata-me o desejo!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava!
Espera um pouco! deixa que anoiteça!"

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

A SEXTINA:

1. seis sextilhas e um terceto final;
2. o último verso de cada sextilha se repete no começo da seguinte.

Camões

Foge-me pouco a pouco a curta **vida**
(se por caso é verdade que inda **vivo**);
vai-se-me o breve tempo d'ante os **olhos**;
choro pelo passado e, quando **falo**,
se me passam os dias passo e **passo**,
vai se me, enfim, a idade e fica a **pena**.

Que maneira tão áspera de **pena**!
Que nunca üa hora viu tão longa **vida**
em que possa do mal mover se um **passo**.
Que mais me monta ser morto que **vivo**?
Para que choro, enfim? Para que **falo**,
se lograr me não pude de meus **olhos**?

Ó fermosos, gentis e claros **olhos**,
cuia ausência me move a tanta **pena**
quanta se não compreende enquanto **falo!**
Se, no fim de tão longa e curta **vida**,
de vós m'inda inflamasse o raio **vivo**,
por bem teria tudo quanto **passo**.

Mas bem sei, que primeiro o extremo **passo**
me há de vir a cerrar os tristes **olhos**
que Amor me mostre aqueles por que **vivo**.
Testemunhas serão a tinta e **pena**,
que escreveram de tão molesta **vida**
o menos que passei, e o mais que **falo**.

Oh! que não sei que escrevo, nem que **falo!**
Que se de um pensamento n'outro **passo**,
vejo tão triste género de **vida**
que, se lhe não valerem tantos **olhos**,
não posso imaginar qual seja a **pena**
que traslade esta pena com que **vivo**.

N'alma tenho confino um fogo **vivo**,
que, se não respirasse no que **falo**,
estaria já feita cinza a **pena**;
mas, sobre a maior dor que sofro e **passo**,
me temperam as lágrimas dos **olhos**
com que, fugindo, não se acaba a **vida**.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
vejo sem Olhos, e sem língua falo;
e juntamente passo glória e pena.

A quadrinha

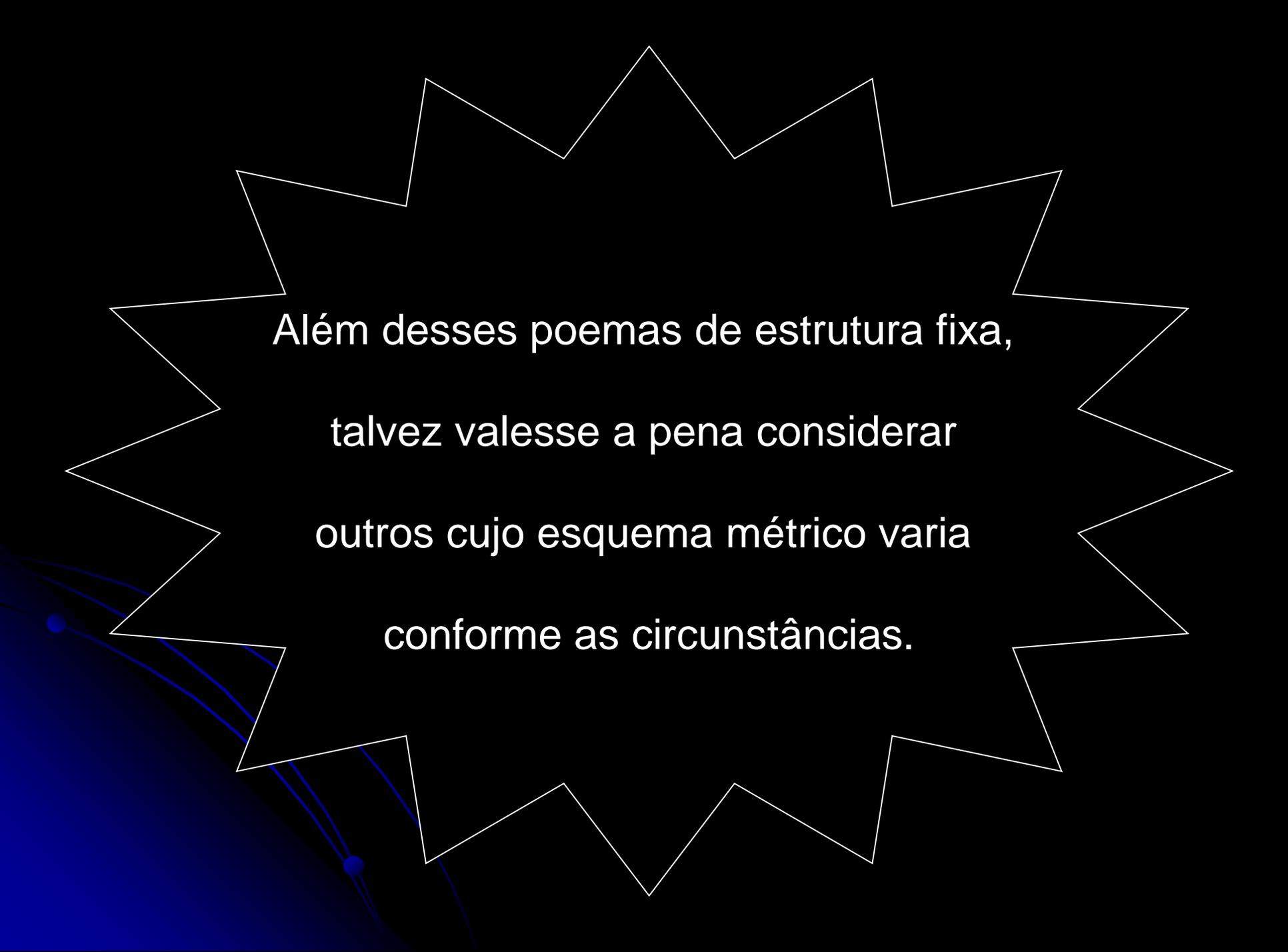
1. quatro versos,
2. caracterizados pela concisão, ligeireza.

Fernando Pessoa - Quadras ao Gosto Popular

**Cantigas de portugueses
São como barcos no mar —
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar.**

**Eu tenho um colar de pérolas
Enfiado para te dar:
As per'las são os meus beijos,
O fio é o meu penar.**

**Deixa que um momento pense
Que ainda vives ao meu lado...
Triste de quem por si mesmo
Precisa ser enganado!**



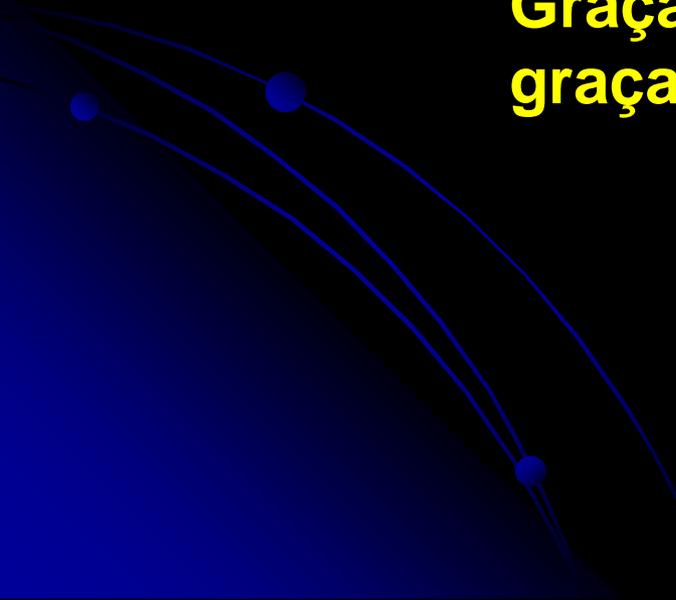
Além desses poemas de estrutura fixa,
talvez valesse a pena considerar
outros cujo esquema métrico varia
conforme as circunstâncias.

A LIRA

é uma canção
em que se repete de ordinário
um estribilho ao fim de cada estrofe

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.

**Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!**



Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores que habitam este monte
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste
nem canto letra, que não seja minha.

**Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!**



Mas tendo tantos dotes da ventura,
só apreço lhes dou, gentil pastora,
depois que o teu afeto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.

**Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!**



ÉGLOGA OU ÉCLOGA

De origem latina (Virgílio)

poema longo, dialogado ou não

destinado “a celebrar a beleza e a felicidade da vida campestre

Confundia-se com o **idílio**, composição curta, que abordava outros assuntos que não bucólicos.

Intitulada *dos Faunos*, dirigida a D. António de Noronha:

**As doces cantilenas que cantavam
os semicapros deuses, amadores
das Napeias, que os montes habitavam,
cantando escreverei; que, se os amores
aos silvestres deuses maltrataram,
já ficam desculpados os pastores.**



Vós, Senhor Dom António, aonde acharam
o claro Apolo e Marte um ser perfeito,
em que suas altas mentes assinaram,

se meu engenho é rudo e imperfeito,
bem sabe onde se salva, pois pretende
levantar coa causa o baixo efeito.

Em vós minha fraqueza se defende;
em vós instila a fonte de Pegaso
o que meu canto pelo mundo estende.

TRISTEZA / MORTE

```
graph TD; A[TRISTEZA / MORTE] --> B[A ELEGIA]; A --> C[NÊNIA E O EPICÉDIO]; B --> D[poema em que se exprimem sentimentos tristes e melancólicos]; C --> E["modalidades da elegia, destinam-se a celebrar episódios fúnebres, como a morte de alguém".];
```

A ELEGIA

poema em que se exprimem sentimentos tristes e melancólicos

NÊNIA E O EPICÉDIO

“modalidades da elegia, destinam-se a celebrar episódios fúnebres, como a morte de alguém”.

Cântico do Calvário - À memória de meu Filho morto a 11 de dezembro de 1863

Fagundes Varela

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto, - caíste!- Crença, já não vives!
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!

ELEGIA 1938

DRUMMOND

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer. Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito. A literatura estragou tuas melhores horas de amor. Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota e adiar para outro século a felicidade coletiva. Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

DITIRAMBO

poema destinado a celebrar o vinho, os prazeres da mesa, o prazer em geral, a alegria



DITIRAMBO

É o amor que me inspira
Amo a vida, esta bela prostituta.
Esta mulher tão pura e dissoluta
No mesmo instante,
Que não dá tréguas a nenhum amante.

Amo-a, e canto esse gosto renovado
De uma grande paixão sobressaltada.
De um leito de soluços e suspiros
Misturados,
Ergo a voz e celebro
Os sublimados deuses
Que, divinos, me deram
O bem humano que nunca tiveram.

Miguel Torga

Foto: X. Maya

Ditirambo

Meu amor me ensinou a ser simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade

De *Pau-brasil* (1925)

Oswald de Andrade

EPIGRAMA

“é uma pequena composição satírica e incisiva”.

Epigrama - Gregório de Mattos e Guerra

I

Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia.

Que falta nesta cidade?... Verdade.

Que mais por sua desonra?... Honra.

Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio?... Negócio.

Quem causa tal perdição?... Ambição.

E no meio desta loucura?... Usura.

Notável desventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que perdeu
Negócio, ambição, usura.

Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,
Dou ao Demo o povo asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos.

(NOTA: o poema continua ainda por mais 12 estrofes)

CUIDADO

Há que distinguir o **epigrama** do **madrigal**.

O EPIGRAMA = feito para ferir

O MADRIGAL = para exprimir um galanteio, um pensamento espirituoso e fino”.

MADRIGAIS

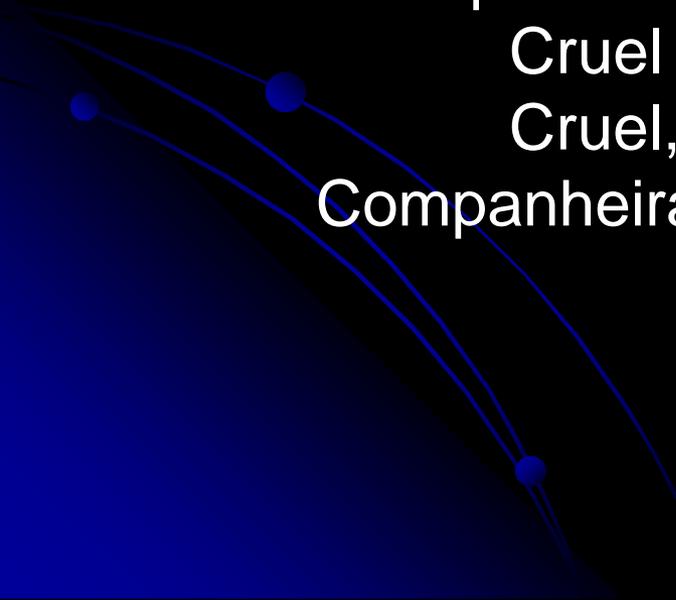
Silva Alvarenga

III

Voai, suspiros tristes;
Dizei à bela Glaura o que eu padeço,
Dizei o que em mim vistes,
Que choro, que me abraço, que esmoreço.
Levai em roxas flores convertidos
Lagrimosos gemidos que me ouvistes:
Voai, suspiros tristes;
Levai minha saudade;
E, se amor ou piedade vos mereço,
Dizei à bela Glaura o que eu padeço

XIII

Cruel melancolia,
Companheira infeliz da desventura,
Se aborreces a luz do claro dia,
E te alegras no horror da noite escura,
Minha dor te procura,
Pavorosa apalpando a escuridade.
A lúgubre saudade
Te espera: ah! não receies a alegria,
Cruel melancolia,
Cruel, ingrata e dura,
Companheira infeliz da desventura.

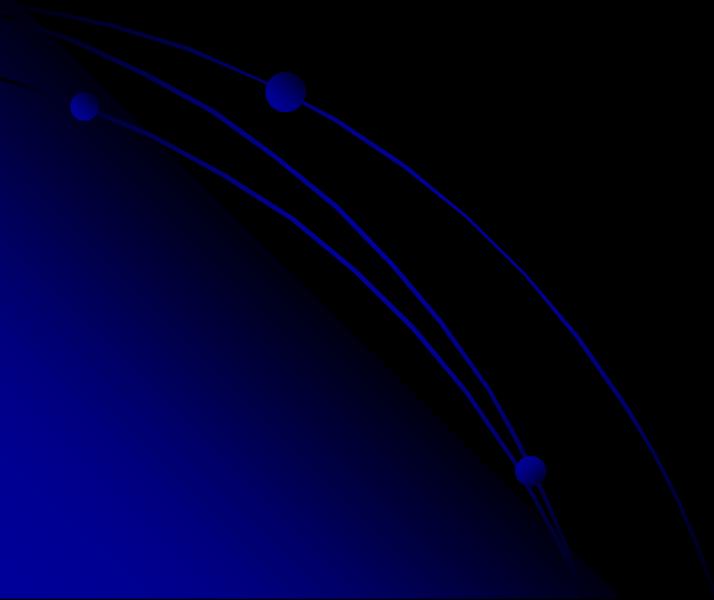


HAICAI

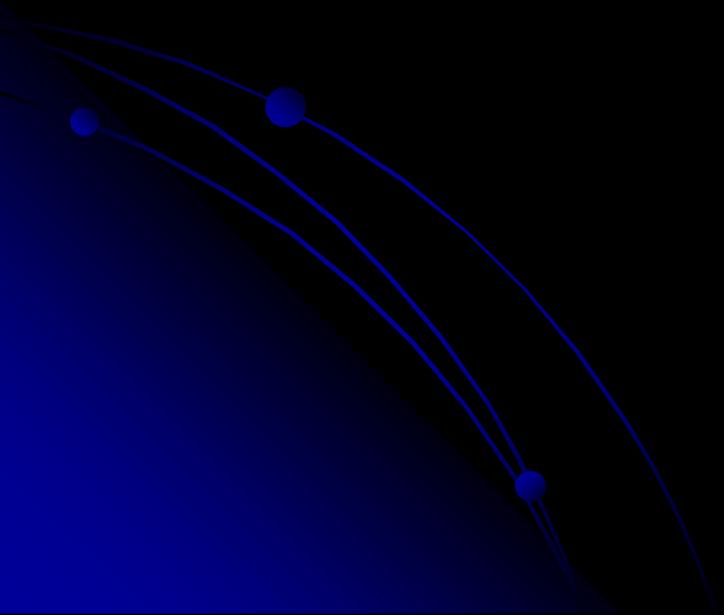
Anotação poética de um momento especial. Compõe-se de 17 sílabas poéticas, divididas em 3 versos de 5, 7 e 5 sílabas cada um

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se “Agora”.

Guilherme de Almeida



SONETO



SONETO

Petrarquiano
2 quart. + 2 terc.

Shakesperiano
3 quart. + 1 díst.

Spencerista
combinação dos dois
esquemas anteriores

ABAB / ABAB / CCD / CCD
ou
ABAB / ABAB / CDC / DCD

ABAB / CDCD /
EFEF / GG

ABAB / BCBC /
CDCD / EE

🚩 Do italiano *sonetto*, do provençal *sonet*, de *son*, melodia, canção;

🚩 é todo poema de catorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos;

🚩 Primitivamente, o soneto era constituído do seguinte esquema de rimas:

🚩 ABAB / ABAB / CCD / CCD,

🚩 OU

🚩 ABAB / ABAB / CDC / DCD

Nel mezzo del camin...

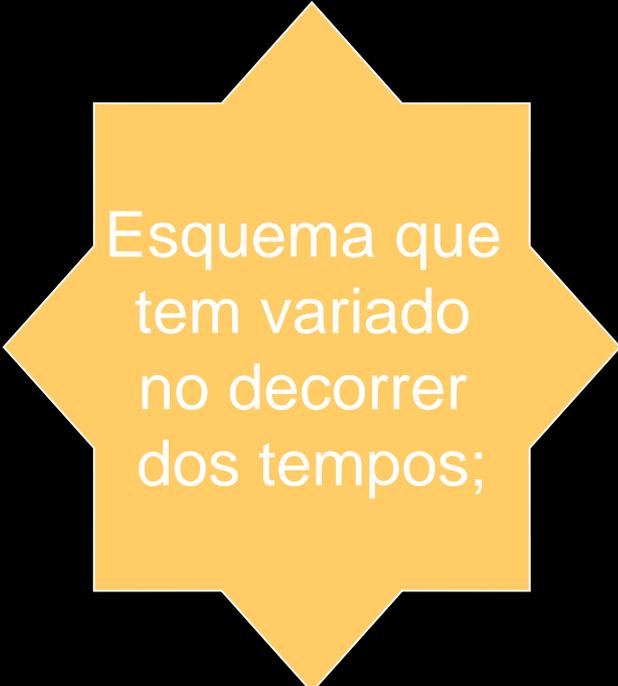
Olavo Bilac

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada **A**
E triste, e triste e fatigado eu vinha. **B**
Tinhas a alma de sonhos povoada, **A**
E a alma de sonhos povoada eu tinha... **B**

E paramos de súbito na estrada **A**
Da vida: longos anos, presa à minha **B**
A tua mão, a vista deslumbrada **A**
Tive da luz que teu olhar continha. **B**

Hoje, segues de novo... Na partida **C**
Nem o pranto os teus olhos umedece, **D**
Nem te comove a dor da despedida. **C**

E eu, solitário, volto a face, e tremo, **E**
Vendo o teu vulto que desaparece **D**
Na extrema curva do caminho extremo. **E**



Esquema que
tem variado
no decorrer
dos tempos;

✚ Ao apresentar-se com dois quartetos e dois tercetos, o soneto é denominado **PETRARQUEANO**,

✚ pois foi a forma escolhida por Petrarca para cantar os sentimentos do amante desamado,

✚ seria modelo para célebres poetas de diferentes nacionalidades, inclusive Camões.

Aceitarás o amor como eu o encaro?...
...Azul bem leve, um nimbo, suavemente
Guarda-te a imagem, como um anteparo
Contra três móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro
Vive em teu corpo nu de adolescente,
A perna assim jogada e o braço, o claro
Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo.
Também mais nada, só te olhar, enquanto
A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... A evasão total do pejo
Que nasce das imperfeições. O encanto
Que nasce das adorações serenas.



Soneto, de
Mário de Andrade

SONETO INGLÊS OU *SHAKESPEARIANO*

- Quando estruturado em três quadras e um dístico, com o esquema de rimas
- ABAB / CDCD / EFEF / GG

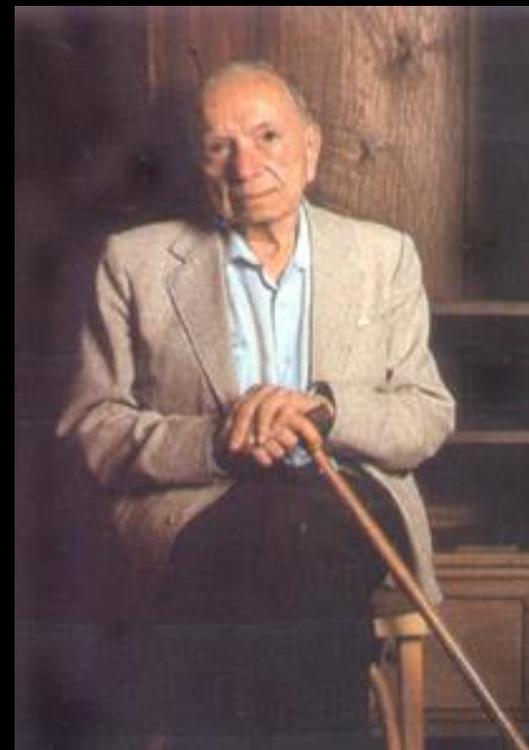
OS PARCEIROS

Sonhar é acordar-se para dentro:
de súbito me vejo em pleno sonho
e no jogo em que todo me concentro
mais uma carta sobre a mesa ponho.

Mais outra! É o jogo atroz do Tudo ou Nada!
E quase que escurece a chama triste...
E, a cada parada uma pancada,
o coração, exausto, ainda insiste.

Insiste em quê? Ganhar o quê? De quem?
O meu parceiro...eu vejo que ele tem
um riso silencioso a desenhar-se
numa velha caveira carcomida.

Mas eu bem sei que a morte é seu disfarce...
Como também disfarce é a minha vida!



SONETO SPENCERISTA

- surge da combinação dos dois esquemas anteriores,
- que se constrói em três quadras e um dístico, com um esquema de rimas que entrelaça as três quadras:
- **ABAB / BCBC / CDCD / EE**

🏠 O metro mais comum para o soneto tem sido o decassílabo,

🏠 acentuado na quarta, na sétima e na décima sílabas;

🏠 **E.R. 10 (4-7-10)**

🏠 mas pode aparecer com diferentes metros, indo do verso monossílabo até o alexandrino.

🏠 surgiu na Idade Média (segundo alguns historiadores literários, com Giacomo da Lentino),

- ✚ foi cultivado por Dante e Petrarca, permanecendo até nossos dias.
- ✚ não teve grande prestígio entre os românticos,
- ✚ mas o teve entre os neoclássicos, os parnasianos e os simbolistas.
- ✚ No Brasil, os nossos melhores poetas não foram insensíveis à forma do soneto, inclusive os modernistas.